

subversão contra a qual fora desencadeado o movimento militar de 31 de março. Poucos desconfiavam, então, de que Anselmo era, na verdade, um agente infiltrado nos movimentos esquerdistas, com a missão, inicialmente, de aguçar o clima de contestação à ordem que apressaria a queda do governo Goulart e, posteriormente, de desagregar os grupos clandestinos de oposição ao regime instaurado em 1964, tornando-se o protagonista do mais espetacular episódio de espionagem de que se tem notícia em toda a história política brasileira.

Na sua trajetória, que durou pelo menos dez anos (de 1963 a 1973), ficou um rastro de sangue, mortes e torturas. De todas as pessoas que se opunham ao regime e que tiveram contato direto com ele, principalmente nos anos de clandestinidade mais perigosos, somente duas escaparam com vida, e colaboraram, com seus testemunhos, para a elaboração desta reportagem: Inês Etienne Romeu e Carlos Alberto do Carmo. Além delas, PLAYBOY ouviu mais de cinquenta pessoas, no Brasil e no exterior, comparando seus depoimentos com os de pelo menos duas outras fontes. Este é, portanto, o dossiê mais completo das ações do Cabo Anselmo e de suas conseqüências.

Se o cineasta Costa Gavras — um especialista em transformar acontecimentos políticos, normalmente aborrecidos, em filmes emocionantes* — decidir fazer uma fita sobre os últimos 15 anos da história brasileira e quiser dar a ela o sabor do mistério, traição, violência e audácia que caracteriza um bom espetáculo de aventuras, dispõe de um personagem sob medida para o papel principal: José Anselmo dos Santos, o Cabo Anselmo.

Para as primeiras cenas, Costa Gavras não precisaria recorrer a atores profissionais, nem reconstituir, dispendiosamente, os acontecimentos confusos e turbulentos que marcaram os últimos dias de março de 1964. Bastaria que fizesse uma colagem com filmes e fotos dos arquivos das emissoras de televisão e dos jornais da época. Neles, em certo momento, sobressai de entre as personagens mais importantes do cenário político de então, catalisando emoções, ressentimentos, ódios e aplau-

* Os três filmes mais importantes do cineasta grego, radicado na França, são Z, sobre o assassinato de um deputado esquerdista na Grécia; A Confissão, sobre a repressão política na Tchecoslováquia; e Estado de Sítio, sobre repressão e tortura no Uruguai.

CABO ANSELMO

Em 64, o Conselho de Segurança Nacional recebeu, de um oficial da Marinha, denúncia de que Anselmo era da CIA. Mas nada fez

sos, a figura daquele que passaria a protagonizar um papel decisivo no aniquilamento das organizações políticas clandestinas que, no final dos anos 60, decidiram derrubar o regime pela força das armas.

Mais exatamente, o salto de José Anselmo dos Santos do anonimato para a notoriedade nacional ocorreu no dia 25 de março de 1964, quando liderou a assembléia da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil (AMFNB) que ganharia um registro na história como "a rebelião dos marinheiros".*

No dia seguinte, ao abrirem espaço para a biografia do até então obscuro marinheiro de 1.ª classe — 22 anos, estudante de Direito, presidente da AMFNB —, os principais jornais do país o promoveriam incorretamente ao posto de cabo, como ele viria a se tornar célebre. Os filmes de TV da época mostram o "Cabo" Anselmo, com gestos largos, traços e sotaque nordestinos, um sorriso cativante entremeando sua oratória clara e incisiva, inflamando o ânimo já tenso de seus companheiros de farda.

Para muitas mocinhas que viam sua foto nas primeiras páginas dos jornais ou na TV, ele era "um pão", segundo a linguagem corrente na época. Para os colegas era, basicamente, um bom amigo, desembaraçado, alegre e prestativo. Para os oficiais da Marinha — e, na verdade, para os oficiais das Forças Armadas em geral — ele encarnava uma

* Reunidos no Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara, para comemorar o 2.º aniversário da sua associação de classe, cerca de 500 marinheiros e cabos da Marinha acabaram transformando a reunião num comício reivindicatório. O ministro da Marinha, almirante Sílvio Mota, mandou prendê-los, mas a tropa enviada para isso aderiu ao movimento. No auge da inflamação, foram apresentadas propostas bem radicais como a do marinheiro Cláudio de Souza Ribeiro, propondo que saíssem em passeata e invadissem o Ministério da Marinha.

das mais intoleráveis transgressões disciplinares: a quebra da hierarquia. Para um cineasta à procura de um personagem com o carisma necessário para prender a atenção do público e conquistar grandes bilheterias, enfim, o Cabo Anselmo tinha todas as credenciais.

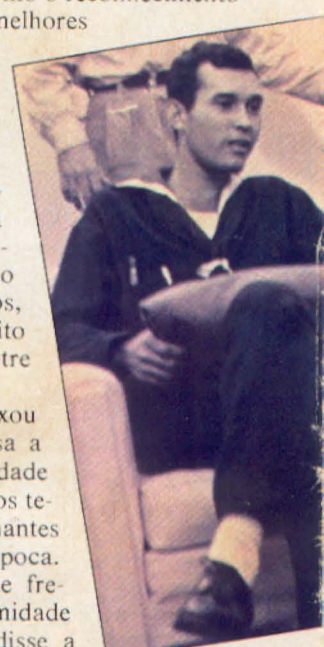
Essas credenciais, de qualquer forma — disseram a Marco Aurélio Borba, de PLAYBOY, alguns de seus camaradas da época —, contribuíram largamente para que José Anselmo dos Santos chegasse, em dezembro de 1962, à presidência da recém-criada AMFNB.

Os critérios para essa escolha, na realidade, não foram políticos. De início, os marinheiros queriam apenas alguém que encaminhasse suas reivindicações básicas, como o reconhecimento da associação, melhores

soldos, permissão para usar roupas civis fora do serviço e o direito de estudar e de casar. Ninguém melhor para isso do que Anselmo, pois, segundo seus companheiros, "ele tinha trânsito livre também entre os oficiais".

Assim, não deixou de causar surpresa a súbita familiaridade de Anselmo com os temas mais apaixonantes da política da época. O marinheiro que frequentava a intimidade dos oficiais — disse a PLAYBOY um tenente casado da Marinha — revelava uma "repentina vocação de sublevador das massas". A insuspeitada vocação de Anselmo para a agitação política, porém, iria provocar reações mais conseqüentes do que a surpresa entre seus companheiros. Ela preocupava a alta oficialidade das Forças Armadas insatisfeita com o conturbado governo de João Goulart e, em última análise, foi o estopim que desencadeou o movimento que o depôs, como admitiria anos mais tarde, ao escrever suas memórias, o general Olympio Mourão Filho, chefe do levante militar que deu início, em Minas Gerais, à Revolução de 31 de março.

Dentro do governo, naturalmente, a movimentação dos subalternos da Marinha era também acompanhada com apreensão — mas por razões opostas. Em Brasília, o comandante Ivo Acioly Corseuil era subchefe da Casa Militar

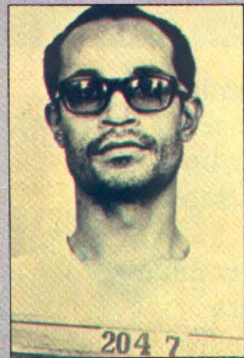




Aluisio Palmar (acima), ex-banido, diz que o comportamento de Onofre Pinto, no Chile, "era muito suspeito". A prisão de Onofre obrigou Carlos Lamarca (à esquerda, dando instrução de tiro a bancários paulistas) a render-se como extremista. Abaixo, a rebelião dos marinheiros, em 1964.



Enquanto liderava marinheiros, Anselmo também estudava Direito. Nessa época, ele teria sido recrutado pela CIA.



Acima, Onofre Pinto, quando foi preso, em 1969. Ex-militar como Anselmo (no alto) — Onofre era sargento — tornaram-se amigos inseparáveis em Cuba.



da Presidência da República, posto em que recebia e transmitia ao Conselho de Segurança Nacional, cujo gabinete chefiava anteriormente, informações sobre a situação na área militar.

"Eu tinha informações seguras de que elementos ligados ao governador da Guanabara, Carlos Lacerda, principal líder da oposição, estavam infiltrados no movimento dos marinheiros", declarou ele ao repórter Argemiro Ferreira, em seu apartamento no conjunto residencial conhecido como "Selva de Pedra", no bairro do Leblon, no Rio.

Hoje, reformado, o comandante Corseuil lembra detalhes ainda mais significativos. Como, por exemplo, os que recebeu de um de seus informantes, um ex-funcionário do Ministério da Marinha, cujo primeiro nome era Tanaí (o comandante não recorda o sobrenome) e que trocara esse emprego por um cargo na assessoria do governador Lacerda. Foi Tanaí quem lhe revelou a infiltração de agentes provocadores entre os marinheiros, o que, segundo Corseuil, "tornava fácil entender o motivo do excessivo radicalismo entre eles".

O cargo do comandante Corseuil, porém, não lhe dava autoridade para tomar decisões e agir abertamente. Por isso, ele se limitou a utilizar o único recurso de que dispunha: "Eu encaminhava todas as informações ao Conselho de Segurança Nacional, ao qual cabia tomar as providências necessárias. Mas elas jamais foram tomadas".

Uma informação mais clara e comprometedora seria dada ao comandante Corseuil por um jornalista norte-americano que havia sido correspondente no Brasil de um grande jornal dos Estados Unidos: "Ele me procurou para fazer graves revelações", segundo disse. "Eu não o conhecia pessoalmente, só por telefone, mas tinha confiança nele, pois já nos dera muitas informações valiosas, entre as quais os detalhes de uma reunião que o Lacerda havia feito com jornalistas americanos, concitando os Estados Unidos a derrubarem o Jango."

As revelações do jornalista eram mesmo graves: depois de enumerar alguns diplomatas norte-americanos que estariam envolvidos na conspiração contra o governo Goulart, ele comunicou que a CIA havia recrutado numerosos agentes nas Forças Armadas brasileiras. Ainda segundo aquele informante, o líder dos agentes da CIA entre os marinheiros era José Anselmo dos Santos, presidente da AMFNB.

CABO ANSELMO*Um ano depois de sua "fuga" da prisão, Anselmo apareceu em Cuba, em 67. E começou a treinar para a guerrilha*

ções da Ação Popular (AP), que disputava com o PCB a liderança dos movimentos esquerdistas.

Assim, apesar das desconfianças de alguns, Anselmo se viu transformado, aos 22 anos, num dos principais astros da constelação esquerdista brasileira. De sua biografia, antes de 1964, sabe-se muito pouco. Nasceu em Sergipe, em 13 de fevereiro de 1942, e em seu registro de nascimento não figura o nome do pai. Sua mãe levou-o, ainda criança, para o Rio de Janeiro, onde cedo se tornou conhecido do público que freqüentava programas radiofônicos de auditório, principalmente os que premiavam "meninos-prodígio", capazes de responder sobre os mais variados assuntos. Sabe-se também que gostava de ler e de escrever poemas e que, na adolescência, julgava ter vocação religiosa.

Antônio Duarte dos Santos, que serviu com Anselmo no mesmo navio-tanque, no início dos anos 60, e que o levou para a diretoria da AMFNB, contou a PLAYBOY, em Paris, onde esteve este ano (Duarte estava exilado na Suécia), que Anselmo tinha duas grandes frustrações: "Ele queria ser padre e chegou a ir para um seminário. Mas foi expulso, ao que parece, por problemas homossexuais. Mais tarde, quando já estava na Marinha, tentou ser admitido na Escola Naval, mas foi reprovado e ficou muito amargurado, pois achava que o motivo de sua reprovação era o fato de não ter pai conhecido".

Segundo Duarte, os colegas achavam que Anselmo era homossexual, mas seu comportamento entre os amigos era normal e jamais se envolveu com nenhum companheiro.

UMA FUGA FÁCIL DEMAIS

Nos primeiros dias de abril de 1964, os principais inimigos do novo regime político que se instaurava no Brasil estavam presos, refugiados no exterior ou asilados em alguma embaixada. Alguns se esconderam e ainda estavam sendo procurados, entre eles Anselmo, oficialmente apontado como perigoso subver-

sivo. No dia 9 daquele mês, ele entrou clandestinamente na embaixada do México, no Rio, onde já se encontravam refugiados numerosos perseguidos políticos, entre os quais vários marinheiros, cabos e sargentos.

A vida no interior da embaixada — um pequeno apartamento em Botafogo — tornou-se incômoda com tantas pessoas amontoadas, e começaram a surgir problemas de relacionamento entre os asilados. O clima de mal-estar se agravava quando o marinheiro Renato acusou Anselmo de ser homossexual.

Mas, para a maioria de seus antigos companheiros de farda, ele continuava sendo o líder destemido e radical. E esses certamente se surpreenderam com a reação de Anselmo à acusação. Em vez de refutá-la, ele simplesmente anunciou que iria embora da embaixada. E começou a fazer uma série de telefonemas para seus "contatos da Ação Popular", segundo disse. Antes, porém, tentou convencer os marinheiros que lá estavam e ainda permaneciam fiéis à sua liderança a saírem com ele para, sob o seu comando, tentarem sublevar a Marinha. Ninguém aceitou o convite.

Os telefonemas de Anselmo foram gravados pelos órgãos de segurança brasileiros, o que motivou um veemente protesto do novo governo junto ao embaixador mexicano, que foi acusado de permitir que "inimigos do regime conspirassem abertamente". No dia 22 de abril, no entanto, duas semanas depois de ter pedido e obtido asilo, Anselmo deixou a embaixada do México, num fim de semana ensolarado, vestindo apenas um calção de banho e um chapéu de praia. Foi preso no dia seguinte, no apartamento de um militante da AP, no bairro de Laranjeiras. Em seu poder a polícia carioca informou ter encontrado uma pistola calibre 44 "que o líder comunista não teve condições de usar".

Ao saberem da prisão de Anselmo, seus companheiros temeram por sua vida. Afinal, disse a PLAYBOY um ex-dirigente da AMFNB, "ele simbolizava tudo o que o novo sistema detestava, era o grande inimigo das Forças Armadas e o responsável pela subversão da hierarquia". Mas, para surpresa geral, todos os asilados puderam ver, pelo aparelho de TV da embaixada, a aparição de Anselmo, sorridente e comendo uma maçã diante das câmeras. Entre uma dentada e outra, o líder dos marinheiros declarava estar sendo "muito bem tratado". Logo depois dessa aparição na TV, ele foi transferido para uma delegacia de polícia no Alto da Boa Vista. Nessa prisão, ele, apesar de sua propalada periculosidade, era tratado com surpreendente e displi-

PLAYBOY Como a Associação dos Marinheiros era responsável por grande agitação política nos meios militares, provocando insatisfação entre a oficialidade, Corseuil concluiu que aquela denúncia não deveria alcançar apenas o Conselho de Segurança Nacional, e, portanto, decidiu levá-la ao conhecimento do próprio presidente da República. Ainda assim, para sua surpresa, nenhuma providência foi tomada.

Mesmo quando houve a revolta dos marinheiros, na reunião da AMFNB, realizada na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, no Rio, o presidente, embora alertado para o verdadeiro papel de Anselmo, nada fez. "Além disso", diz ainda Corseuil, "investigar a ação de Anselmo como agente de um país estrangeiro não era tarefa do Conselho de Segurança Nacional, e sim do Cenimar — Centro de Informações da Marinha." Todavia, o Cenimar, alertado por ele várias vezes, também nada fez: "E nem faria. Aquela gente do Cenimar era toda lacerdistas, e o Lacerda era quem fomentava a rebelião".

As vésperas do movimento de 31 de março de 1964, como se vê, oferecem mais elementos de ficção cinematográfica do que propriamente de realidade; agentes infiltrados, a CIA, informantes estrangeiros, um presidente da República titubeando em tomar atitudes decisivas em horas graves, talvez por estar convencido de que isso seria inútil — seu governo já estava dominado pela conspiração. Os elementos de intriga e suspense, porém, abundavam também no contraponto desse filme-realidade, o movimento de esquerda.

Um pouco mais tarde do que o comandante Corseuil, e obviamente por razões opostas, outras pessoas começaram também a suspeitar de Anselmo e a lançar dúvidas sobre a honestidade de seu comportamento político. Dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, intrigados com a rápida ascensão política daquele jovem marinheiro — que, em menos de um ano, passara de simples diretor de relações públicas a presidente da AMFNB —, denunciaram publicamente a possibilidade de Anselmo ser um agente secreto infiltrado nos movimentos militares. Essa possibilidade, porém, não foi levada a sério pelas demais facções da esquerda, porque naquela época as divergências entre todas elas eram muito acirradas. Além disso, o PCB era tido, entre os esquerdistas não alinhados com ele, como contumaz em fazer tais acusações para comprometer adversários políticos, e Anselmo, na ocasião, estava mais ligado às posi-